

Malba Tahan versus Mello e Souza

Adhemar Nóbrega, 1946

“Todavia, quem entra na casa 43 da rua Arthur Araripe vai encontrar, num confortável gabinete, um autêntico ocidental que pensa e age e vive segundo o nosso critério de valores, verdadeiro burguês bem tratado (...).”

.....

Malba Tahan versus Mello e Souza

Adhemar Nóbrega, 1946.

Entrevista publicada em periódico, 1946. Fonte desconhecida.

Quem não conhece o professor Júlio Cesar de Melo e Sousa, professor de matemática, pai de família, sofrendo como tal os mesmos problemas decorrentes do abastecimento da dispensa doméstica (só mesmo os potentados estão hoje acima dessas dificuldades), há de pensar, como nós pensávamos em criança, que Malba Tahan é um velho sábio oriental, de veneráveis barbas brancas, gestos pausados, olhar sereno e penetrante, vestido numa túnica branca e de turbante à cabeça, perdido em solilóquios com os enigmas da álgebra e da geometria.

Todavia, quem entra na casa 43 da rua Arthur Araripe vai encontrar, num confortável gabinete, um autêntico ocidental que pensa e age e vive segundo o nosso critério de valores, verdadeiro burguês bem tratado, desfrutando as mesmas alegrias, sofrendo e condenando os mesmos erros. O oriental, que vive como autor dos seus livros, não passa de uma atitude que êle adotou quando começou a escrever, sob a sugestão do estudo das matemáticas de que os árabes se tornaram mestres. Assim, em vez de alfanges e cimitarras, vimos espalhadas por toda parte uma numerosa coleção de sapos – sapos em louça, em madeira, em jade, em bronze – só não há sapos em carne e osso mas destes, em verdade, não conhecemos nenhum colecionador. Antes de procurarmos saber como o homem enveredara pelo gênero literário que o tornou conhecido em todo o Brasil, fomos atrás da origem do seu pendor literário. E demos, como acontece em tantos outros casos, com o talento de um estudante pobre. Mas vamos logo advertindo o leitor de que “o vencedor de ódios e esperanças” não significa nenhum qualificativo para um pregador da guerra nem para um sacerdote do otimismo. Que fale Malba Tahan para esclarecer o caso:

“Em 1908 eu era aluno do internato Pedro II, que contava, no corpo docente, com o professor José Júlio da Silva Ramos. Ele mandava que os alunos fizessem composições, de preferência sobre assuntos abstratos, - a Virtude, o Ódio, a Injustiça, a Esperança – em vez dos habituais temas de passeios pic-nics, festas e cartas entre amigos, como é comum entre os professores de português. Ora, acontece que para um estudante de 11 anos, uma redação sobre assuntos tão vagos e imprecisos representava uma dificuldade e os meus colegas não escondiam o seu desapontamento. De uma feita, fiz uma redação sobre a “Esperança” e não gostei. Fiz outra, deixando a primeira em cima da mesa. Um

colega foi à minha casa e encontrou o trabalho abandonado, pedindo-me para apresentá-lo como seu, já que eu não o queria. E ele tirou grau dez... Não me interessei por saber. Apenas tomei conhecimento da sua gratidão, traduzida num presente que dele recebi: uma pena nova e um selo do Chile. Ora, eu vivia em condições extremamente difíceis, como estudante pobre que era. Estudando no Internato, no Campo de São Cristóvão, depois das aulas ia a pé até a estação de São Francisco, onde tomava o bonde (pagava um tostão) para chegar em casa, em Riachuelo. Levava uma vida de restrições, contando os tostões e os vinténs. Talvez por isso mesmo, em face do sucesso da minha “Esperança”, eu fui levado a fazer o raciocínio: se eu posso trocar uma redação por uma pena e um selo, certamente ela me poderá render também alguns cobres. Data dessa época o meu “début” no profissionalismo literário. Desde esse dia, comecei a vender redações aos colegas. E como os temas desses trabalhos, eram aqueles de que já falei, eu era um autêntico produtor e vendedor de virtudes, ódios, injustiças, crimes e outros ornamentos do espírito humano.” E o comércio rendia bastante? “Um sucesso. A cotação dos produtos variava de 200 a 400 reis, chegando excepcionalmente até 600, nos casos em que eu citava Carolina Michaelis. Passei a andar menos a pé, dando-me ao luxo de pagar bonde para os colegas.” Mas a que se devia o preço de exceção para os trabalhos que citavam aquela escritora? “É que o professor Silvia Ramos frequentemente falava no nome dela, invocava o seu testemunho sobre assuntos linguísticos e sempre o fazia com respeito. Entretanto, talvez graças à malícia própria da nossa idade, pensávamos que Carolina Michaelis fosse uma dona qualquer, moradora nas imediações do colégio e a quem o professor dedicasse interesse extra-professoral... Bem, você entende o que é que nós pensávamos...”

“Quando saí do Internato, entrei para a Escola Politécnica e comecei a trabalhar na Biblioteca Nacional, onde tinha oportunidade de um permanente contacto com os livros. Não demorei muito, todavia. Pouco tempo depois passei a lecionar no Pedro II, entrando cedo para a carreira a que tenho me mantido fiel, paralelamente às minhas atividades como escritor.”

E a identificação que se percebe, nos seus livros, com os assuntos, o ambiente e a psicologia dos orientais, particularmente dos árabes? “Como já disse, a matemática me levou desde muito cedo a considerar com simpatia a civilização do próximo oriente, onde ela teve grande florescimento. Depois, dediquei-me mais fundamente no assunto, estudando o Islam durante 5 anos. Com o professor Jean Achar, estudei árabe, aperfeiçoando-me nos conhecimentos sobre a língua e costumes com o professor Ragi Basili, grande erudito.”

E quanto ao pseudônimo? “Malba é o nome dado ao lugar em que se abrigam as ovelhas para ordenha, conforme, aliás, explica o professor Suleiman Sáfydy no prefácio de um opúsculo sobre a minha obra. A melhor tradução em nossa língua é aprisco. Tahan, que em árabe se pronuncia com o h aspirado, quer dizer moleiro. Entretanto, escolhi o meu Tahan do nome de uma aluna que tive na Escola Normal: Maria Zachsuk Tahan. Durante 15 anos conservei o pseudônimo sem que ninguém suspeitasse que o pacato professor Melo e Sousa era o autor

das histórias orientais de que estão cheios os meus livros. Isso, até que Humberto de Campos descobriu a mistificação. Continuarei entretanto a usá-lo.”

E o professor Mello e Souza passa a falar de outras mistificações literárias que se tornaram famosas em todo o mundo, originando equívocos entre grandes eruditos. “É o caso, por exemplo, dos Cantos de Ossian. Houve em todos os meios literários e particularmente na Inglaterra um verdadeiro movimento em torno de Ossian. Apareceu uma numerosa bibliografia sobre o assunto e muitos eruditos se dedicaram ao ossianismo, tal o interesse que despertou a nova corrente de poesia, empregando expressões rudes, esquisitas, para traduzir grandes momentos de beleza e emoção artística. No entanto, Ossian nunca existiu senão na pele do poeta inglês Mac Pherson, autor do “bloeu” espetacular.” Diante disso, o repórter vai fazendo uma revisão nos seus parcos conhecimentos de literatura que incluíam Ossian, como um cidadão que tivesse existido. E o teatro de Clara Gazou? – continua o entrevistado. “Clara Gazou apareceu na Europa como teatróloga, suscitando enorme interesse. Pudera! Era nem mais nem menos do que Merimé, Prosper Merimé! Aqui no Brasil”, - prossegue o escritor empolgado pela lembrança das mistificações como a dele -, “durante muito tempo, as Sextilhas do Frei Antão jamais deram a entender a quem as leu que se tratava de uma obra de Gonçalves Dias, que as compôs para demonstrar que era capaz de escrever em estilo diferente do seu indianismo”.

A essa altura o repórter se lembra da mistificação não menos ousada e tão sensacional quanto as que mais o sejam, em que se empenhou o grande violinista Fritz Kreisler, apresentando em todo o mundo, com o prestígio do seu nome, composições que havia descoberto em meio a velhos papéis, na Espanha. Eram obras de violinistas do século XVIII, ainda inéditas, que despertaram, entre os musicólogos, um interesse fora do comum. No entanto, soube-se, depois, graças ao mesmo Kreisler (se não nos enganamos) que as árias, gaivotas, bourrées e outras danças, que ele tocava para assistências cultas, atribuindo-as a compositores falecidos a cerca de duzentos anos, eram dele mesmo.

O professor Melo e Sousa está satisfeito com o seu Malba Tahan? “O nome já tem uma repercussão bem apreciável. Muitas crianças têm sido batizadas com o nome de Malba, em alguns casos eu recebo a afetiva comunicação. Até mesmo acidentes Geográficos. No município de São Domingos, no Alto Rio Doce, existe uma lagoa a que o proprietário deu o nome de Malba, leitor assíduo que era das histórias dos Nagib, dos Beremis, dos Ben-Nadim e outros personagens dos meus livros”. Muitas dessas pessoas, certamente, desconhecem que o seu querido contador de histórias é o homem simples e pacato, que temos à nossa frente, bem vestido à ocidental, fumando cigarros tipo americano, em vez do complicado “narguille”, sapatos comuns a todos nós, em vez de sandálias, fazendo “blagues” dentro do nosso modo de pensar, desfrutando a vida como um “bon-vivant” malgrado a falta de café, de fósforo, de leite, de tudo.

Achamos que o professor Melo e Sousa devia fazer todo possível para conservar, o mais possível, a mistificação em torno do nome do autor dos seus livros. Por

mais simpatia que ele desperte como professor, por mais nobres que sejam as suas qualidades morais como Júlio Cesar de Melo e Sousa e por mais sonoro e robusto que seja este nome, seria preferível a gente continuar alimentando a ilusão de que, ao ler os contos de “Lendas do céu e da Terra”, estávamos conversando com um velho sábio, vendo o seu sorriso sereno e tranqüilo, sentindo o brilho do seu olhar perscrutador, verdadeira janela aberta para o conhecimento do mundo e dos homens. Aliás, somos contra todas as “descobertas” dessa natureza. Tais mistificações fazem muito menos mal à humanidade que outras tantas realidades nuas e cruas como o aumento do custo de vida, o desaparecimento do leite e da farinha de trigo, o “avança” do cambio negro e outras mais que não tem nada de maravilhoso, senão para os bolsos dos especuladores...

Ficamos ainda alguns momentos conversando com o autor de “A sombra do arco-íris”, que considera, juntamente com “O homem que calculava”, a sua melhor obra. Além disso, Malba Tahan falou-nos do prazer que lhe dá o jogo de xadrez e convidou-nos para uma partida. Recusamos com delicadeza. Seria vergonhoso dar ao escritor uma demonstração da nossa ignorância nos segredos do tabuleiro. Como árabe, ele não nos perdoaria, embora talvez o compreendesse como filósofo. Em todo caso, recusamos. Era preferível gozar a sua palestra, a sofrer a investida dos seus peões e dos seus cavalos, assim como o avanço implacável das suas torres bem protegidas. Mas Allah não quis dar-nos essa graça. Toda a impressão que havíamos forjado para a nossa conversa desapareceu, como por encanto, quando soou, impertinente, a sineta no amplo salão, avisando que ia ter início o almoço. Estávamos no Automóvel Clube, aguardando o almoço do Rotary, para o qual nos convidara, não o sábio Malba Tahan mas o professor Júlio Cesar de Melo e Sousa, pertencente a esta sofredora fauna humana do Distrito Federal, que bebe mate gelado quando pretende tomar café e come broa de milho dizendo que é pão. Nada mais havia de maravilhoso... Tudo se desvanecera. Tudo, não! O Rotary nos reservava uma agradável surpresa. E que o pão servido no almoço era de trigo.

Fazendo as honras de anfitrião, o professor Melo e Sousa diz com espírito para o repórter: “Você não sabe que os rotarianos são homens de bem que se reúnem para passar mal?” Não, respondemos, empolgados pelo pão de trigo, que começáramos a mastigar devagarinho para prolongar por mais tempo aquele alimento tão comum há uns cinco anos e hoje uma preciosidade mais rara do que leite puro e as tesouras marca “Corneta”. Sim senhor. Pão de trigo. A ilusão de prosperidade era encantadora. Estávamos gozando um prazer hoje reservado, talvez, somente ao Palácio Guanabara, ao Rotary Clube e à mulher do padeiro...